

# BERNARDO SANTARENO

OBRAS COMPLETAS  
4.º VOLUME



PORTUGUÊS, ESCRITOR,  
45 ANOS DE IDADE  
OS MARGINAIS E A REVOLUÇÃO  
TRÊS QUADROS DE REVISTA  
O PUNHO  
[POSFÁCIO]



ORGANIZAÇÃO, POSFÁCIO E NOTAS  
DE LUIZ FRANCISCO REBELLO

CAMINHO

**Título: Obras Completas — 4.º volume**

**Autor: Bernardo Santareno**

**Capa: Delgado Godinho**

**Orientação gráfica: Secção Gráfica  
da Editorial Caminho**

**Revisão tipográfica: Secção de Revisão  
da Editorial Caminho**

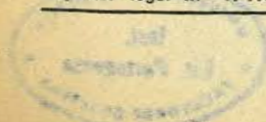
**© Bernardo Santareno e Editorial Caminho, SA  
Lisboa, 1987**

**Tiragem: 3000 exemplares**

**Composição e impressão: Guide - Artes Gráficas, Lda.**

**Data de impressão: Dezembro de 1987**

**Depósito legal n.º 17 776/87**



# BERNARDO SANTARENO

OBRAS COMPLETAS  
4.º VOLUME



*PORTUGUÊS, ESCRITOR,  
45 ANOS DE IDADE*

*OS MARGINAIS E A REVOLUÇÃO  
TRÊS QUADROS DE REVISTA*

*O PUNHO  
[POSFÁCIO]*



*Organização, posfácio e notas  
de Luiz Francisco Rebello*

**CAMINHO**

# O PUNHO

Peça em 6 quadros.

Inédita.

Uma leitura das cenas principais desta peça, pelos actores Eunice Muñoz, Lia Gama, Fernanda Alves, Fernanda Lapa e António Rama, teve lugar no auditório da Sociedade Portuguesa de Autores em 30 de Abril de 1981.

## Personagens

MARIA DO SACRAMENTO

DONA MAFALDA

LEONARDO — irmão de Maria do Sacramento

BERNARDA — sogra de Maria do Sacramento

DR. GASTÃO — marido de D. Mafalda

CATARINA — filha de Leonardo

GUILHERME — filho de D. Mafalda

SOFIA — filha de D. Mafalda

CAMPONESES — cantores

JOÃO SARAMAGO

ADOLFO

ZÉ ROVISCA

## 1.º Quadro

*Casebre miserável alentejano. Divisão única. Paredes de cal, chão térreo, tecto de telhava. Porta de entrada à esquerda; à direita, uma lareira baixa. A um canto, uma enxerga comum. Uma mesa. Bancos. Em destaque, na parede do fundo, sempre iluminado por uma lamparina de azeite, um retrato de José Sacramento, vestido de soldado e, logo por baixo dele, uma condecoração — a cruz de guerra.*

*Bernarda, muito velha e vestida com trapos pretos, está ajoelhada diante do retrato e passa as contas do terço. Porta da rua aberta; é quase noite. Uns momentos assim. Em silêncio, entra Maria do Sacramento. Mulher de luto, à volta dos cinquenta anos. Traz uma tigela com comida que poisa em cima da mesa, sem ruídos. Vai depois colocar-se por detrás de Bernarda que não dá por ela. Contempla o retrato iluminado. Benze-se.*

MARIA DO SACRAMENTO (*tocando no ombro de Bernarda*): Mãe?!

BERNARDA (*sobressaltada*): Ah, és tu!?...

MARIA DO SACRAMENTO: Venha comer. É sol-posto.

BERNARDA (*levantando-se a custo*): Tão tarde...

MARIA DO SACRAMENTO (*que foi buscar uma colher e parte o pão*): Ela só me deixou vir agora.

BERNARDA (*que se senta à mesa e começa a comer, sôfrega*): Açorda ao jantar, açorda à ceia...

MARIA DO SACRAMENTO: Foram as ordens dela. Mas eu tenho ali guardado um bocadinho de carne gorda...

BERNARDA (*ácida*): Dá cá, filha, dá cá...!

MARIA DO SACRAMENTO (*que executa*): Não há mais.

BERNARDA (*com o toucinho na boca*): Tu já comeste?

MARIA DO SACRAMENTO (*seca*): Já. Não lhe dê cuidados. Fui eu que miguei a ceia pròs criados.

BERNARDA: Amanhã, pede-lhe um bocado de farinha... Ela não te diz que não.

MARIA DO SACRAMENTO (*crispada*): Eu não lhe peço nada.

BERNARDA: Porquê, Maria do Sacramento?! Ela tem bom coração...

MARIA DO SACRAMENTO: Terá...

BERNARDA: Pede, filha, vais ver que...

MARIA DO SACRAMENTO (*dura*): Não sejas gulosa!

BERNARDA: Pronto, filha, tu é que sabes. (*Queixosa*.)

No tempo do meu filho...

MARIA DO SACRAMENTO (*cortando*): No tempo do seu filho, era como é agora. Sempre assim foi, nesta casa: farinha só aos dias de festa. E olhe que eu já estou farta de a proibir de me falar no seu filho, ouviu? O seu filho nunca quis saber de si pra nada, nem antes nem depois de abalar. Se não fosse eu, você já tinha morrido à fome, aí pra um canto. O seu filho, o seu filho!... Você sabe lá se ele está vivo ou morto.

BERNARDA (*fogo nos olhos*): Vivo. O meu filho está vivo!

MARIA DO SACRAMENTO (*contemplando o retrato*): Já não há homens vivos, nesta casa.

BERNARDA: O menino morreu, mas o pai está vivo. E há-de voltar, fica sabendo! O meu coração não me engana. Está na França.

MARIA DO SACRAMENTO (*riso cruéis*): Quem lho disse? A lua?! (*Desesperada*.) O seu filho abalou da minha companhia, há quase vinte anos. Vinte anos, *senhora*! E nunca mais nem uma palavra, nem um tostão, nada! Nunca mais quis saber de mim, nem de si, nem do filho... O filho morreu e enterrou-se sem ele saber! Se está vivo, não é homem é uma fera.

BERNARDA: Talvez a vida lhe tenha corrido mal, lá na França... (*Certa ruindade*.) Talvez tenha arranjado outra

mulher... Quem sabe? Mas há-de voltar. E há-de dar-me tudo, e há-de cuidar de mim e levar-me prà sua companhia, fica sabendo!

MARIA DO SACRAMENTO: Hoje fosse o dia! Já comeu?  
(*Limpa a mesa.*)

BERNARDA: Tenho fome.

MARIA DO SACRAMENTO: Isso não é fome, é ruindade. Eu comi o mesmo que você e trabalhei o dia todo, de sol a sol.

BERNARDA: Dá-me mais um nico de toicinho...?

MARIA DO SACRAMENTO: Eu não comi nenhum.

BERNARDA: Pede-lhe?!...

MARIA DO SACRAMENTO: Já disse que não. Só lhe pedi uma coisa na vida e ela negou-ma. Nunca mais lhe hei-de pedir nada. Pede-lhe, uma vez, trabalho prò seu filho. Ela não quis dar-lho. E ele foi-se embora...

BERNARDA: Tu és rancorosa, mulher!

MARIA DO SACRAMENTO: Pois sou.

BERNARDA: A Senhora dá-te trabalho certo, nas terras dela, desde que...

MARIA DO SACRAMENTO: Desde que o seu filho me deixou.

BERNARDA: Não te deixou, emigrou prà França pra não morrer de fome aqui...!

MARIA DO SACRAMENTO: Deixou-me com um filho pequeno pra criar.

BERNARDA: Ninguém lhe dava um dia de jorna aqui...!

MARIA DO SACRAMENTO: Foi ela. Tomou-o de ponta.

BERNARDA: Não foi a D. Mafalda. Foi o marido. Parece que brigaram... O nosso Manel era bravo, tu bem o sabes!! Mas depois, ela tomou conta de ti, paga-te todos os dias...

MARIA DO SACRAMENTO: Menos que os outros patrões. E enquanto pra aí, mesmo nas terras deles, já todos trabalham a soito horas, eu continuo na lei antiga — sol a sol. O pessoal não concorda e desconfia de mim. Têm razão! Eu sou a cadela da patroa. Artimanham combinações em voz baixa e mal eu chego, calam-se logo. Mas eu sei muito bem o que eles conspiram! (*Ameaça.*) Queira Deus que ela não venha a arrepender-se... O tempo é outro. Em Lisboa, anda a guerra do 25 de Abril. E, pra

esse Alentejo além, os trabalhadores estão a tomar conta das terras e a correr com os donos...!

BERNARDA: São ladrões! Achas bem?!

MARIA DO SACRAMENTO: Acho mal. Os donos são os donos. Eu acho mal. Mas o seu filho, com o feitio dele, se fosse vivo...

BERNARDA (*obstinada*): É vivo.

MARIA DO SACRAMENTO (*terminando*): ... Acharia bem.

BERNARDA: A Senhora é boa pra ti, Maria do Sacramento: quando não há trabalho no campo, ocupa-te dentro de casa, dá-te roupa...

MARIA DO SACRAMENTO: Trapos.

BERNARDA: Dá-te as sobras do que lá em casa dela, comem...

MARIA DO SACRAMENTO: As criadas.

BERNARDA: Pois! Atão o que havia de ser?!

MARIA DO SACRAMENTO: Essas esmolos são para si. Esses trapos é você que os traz vestidos; essas sobras é você que as come. Eu, cá pra mim, não as quero. E você trabalhou toda a sua vida pra ela e pra gente dela!

BERNARDA: E daí?! Agora já não posso trabalhar, já não rendo nada, ela não tem obrigação de me dar nada. É o que fazem todos os patrões destas terras. Sempre assim foi. A Senhora é boa, digo-te eu. De muito ginete e capricho, mas boa por dentro. Acompanhou-te no teu desgosto, quando foi do nosso Zé...

MARIA DO SACRAMENTO: É verdade. E nunca mais o esquecerei.

BERNARDA: Gostava do teu filho que Deus haja...

MARIA DO SACRAMENTO: Gostava. Dizem que sim.

BERNARDA: Atão tu não viste como ela chorou? Como ela o quis velar a noite toda, quando...

MARIA DO SACRAMENTO (*a soluçar rígida*): Quando mo mandaram de África feito em bocados.

BERNARDA: Não aconteceu só ao teu filho...

MARIA DO SACRAMENTO: Aconteceu a muitos. Mas eu só tinha aquele.

BERNARDA: Era a guerra...

MARIA DO SACRAMENTO: Tão longe, essa guerra!

BERNARDA (*olhando para o retrato e benzendo-se*): Foi um herói. Toda a gente o disse.

MARIA DO SACRAMENTO: Eu ouvi. A D. Mafalda, e o marido e os filhos dela também mo disseram.

BERNARDA: A Senhora acompanhou-te a Lisboa, quando tu foste receber aquela medalha (*indica a Cruz de Guerra*)...

MARIA DO SACRAMENTO: Recebi-a como quem recebe a hóstia consagrada. É a Cruz de Guerra. Parecia-me a mim que ela tinha sido amassada com o sangue do meu filho... (*Vai junto do retrato, beija a medalha e recoloca-a no seu lugar com todo o respeito, benzendo-se.*) Mas é tão fria... Ninguém mereceu tal coisa, por estas redondezas: Só o meu filho!

BERNARDA: Não há glória maior, Maria do Sacramento! Puseram o retrato do nosso Zé em todos os jornais, lembras-te? E até o teu lá vinha...

MARIA DO SACRAMENTO: Não me esqueci de nada. Tenho tudo arrecadado, ali debaixo do colchão. No jornal, vinha eu, vinha a D. Mafalda...

BERNARDA: São bondades, atenções da Senhora...

MARIA DO SACRAMENTO: E vinha o filho dela, o menino Guilherme...

BERNARDA: É verdade que vinha.

MARIA DO SACRAMENTO: Que tem a idade do meu filho.

BERNARDA: Do mesmo ano e do mesmo mês.

MARIA DO SACRAMENTO: E está vivo!

BERNARDA: Graças a Deus!

MARIA DO SACRAMENTO: Fez a tropa em Lisboa.

BERNARDA (*natural*): A Senhora e o Dr. Gastão pediram...

MARIA DO SACRAMENTO: E o meu nem sabia se tinha o pai vivo ou morto, nem aonde ele estava, nem quem lhe valesse... Ninguém que lhe desse *arrimo* de di-nheiro ou palavra. (*Impotente.*) Tinha-me a mim...

BERNARDA (*resignada*): Era pobre. Teve destino de pobre. Sempre assim foi e há-de ser.

MARIA DO SACRAMENTO (*ameaça*): O povo não pensa assim...

BERNARDA: E o que é que tu tens a ver com o que pensa e faz o povo? Não é o povo que te dá de comer.

É ela, a Senhora. O que havia de ser da gente sem ela?  
(*A choramingar.*) Praqui, duas mulheres sozinhas...

MARIA DO SACRAMENTO (*seca*): Não chore. Já lhe faltei com o sustento?

BERNARDA: Quando o meu filho voltar...

MARIA DO SACRAMENTO: Cale-se com isso!

BERNARDA: Quando o meu Manel voltar, ele há-de pagar-te tudo. Eu sei muito bem que tu não tens obrigação de me manter...

MARIA DO SACRAMENTO: Fui a mulher do seu filho: Tenho obrigação.

BERNARDA: Foste, não. És!

MARIA DO SACRAMENTO: O seu filho não volta: Ou morreu ou esqueceu-se da gente. E ainda bem que não volta. Porque eu nunca mais queria ver tal homem ao pé de mim! Vivo ou morto, é só raiva o que eu hoje sinto por ele. O outro, o outro é que me faz falta! Se o meu Zé fosse vivo, eu hoje era uma rainha: nunca houve um filho tão bom pra sua mãe como o meu! Tenho tantas saudades dele... A última vez que o beijei, foi em Lisboa, no embarque... Ia tão bonito, vestido de soldado! Não havia lá outro como ele... Quando o barco abalou...

*(Luz sobre um Coro de trabalhadores rurais alentejanos, homens e mulheres. Este Coro, colocado entre o lugar cénico propriamente dito e os espectadores, ficará presente até ao fim do espectáculo, nele intervindo sempre que necessário.)*

CORO (*cantando*):

Quando o barco abalou,  
Olhaste pra trás chorando:  
Adeus, filho da minh'alma,  
Que longe me vais ficando!

Nestes campos sem viv'alma,  
Onde o destino me tem,  
Grito, ninguém me responde,  
Olho, não vejo ninguém!

MARIA DO SACRAMENTO (*indo até à porta, a contemplar os campos; sofrida*):

Grito, ninguém me responde,  
Olho, não vejo ninguém...

(*Bernarda está a dormir, com a cabeça apoiada na mesa. Sem resposta, Maria do Sacramento continua.*) Por mais anos que viva, nunca mais hei-de pôr os pés em Lisboa... Terra maldita! Só lá fui duas vezes: a primeira pra me despedir do meu homem (*emendando logo*), do seu filho, a segunda pra dizer adeus ao meu filho... Se eu pudesse, arrasava essa terra: deixei lá semeados os dois gritos mais fundos do meu coração! (*É noite cerrada. Luar intenso. Mais destacado o retrato iluminado.*) Acenda o candeeiro, mãe! (*Bernarda não responde. Reparando.*) Durma praí à vontade... (*Acende o candeeiro de petróleo. Vem sentar-se no poial da porta.*) Mais vale só que mal acompanhada. Quem me dera poder fechar-me à chave, aqui dentro deste buraco, e nunca mais sair e nunca mais falar com ninguém vivo!

CORO (*cantando*):

Tiveste, mas já não tens,  
Marido pra te abraçar.  
Tiveste, mas já não tens,  
Um filho pra embalar.

O homem fugiu à terra  
Que não o quis sustentar.  
O filho partiu pra guerra  
Pra lá morrer e matar.

MARIA DO SACRAMENTO (*como que a responder ao povo, levantando-se rígida, orgulhosa*): Não quero que tenham pena de mim! Já lhes pedi alguma coisa? Pena devem vocês ter dessas mulheres parideiras que não sabem fazer mais nada senão abrir as pernas na cama e cuidar das crias, ou das esbanjadeiras, ou das porcas, ou das mal-comportadas... De mim, não! Sou uma mulher séria, trabalho como um homem e mantenho aquela velha que nem é do meu sangue, que é a mãe do marido que me

CORO (*cantando forte*):

Um homem só nada vale,  
Amigos, agora sei:  
Unidos no bem e mal,  
Valemos mais do que um rei!

D. MAFALDA (*para Maria do Sacramento, em desafio*):  
E agora?...

MARIA DO SACRAMENTO (*firme, aguentando-lhe o  
olhar*): A luta continua.